

**MASCULINIDADES, TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO MASCULINA****MASCULINITIES, SOCIAL TRANSFORMATIONS AND PROCESSES OF MALE SUBJECTIVATION****MASCULINIDADES, TRANSFORMACIONES SOCIALES Y PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN MASCULINA**Richard Ecke dos Santos¹, Mariluz Sott Bender²

e747736

<https://doi.org/10.47820/recima21.v7i4.7736>

PUBLICADO: 04/2026

RESUMO

Discutir masculinidades perpassa a reflexão acerca do poder, virilidade e hegemonia. Historicamente, esses são alguns dos imperativos que dão base, a partir da lógica cisheteronormativa, a uma masculinidade considerada como ideal. Essa conceituação foi proliferada através de discursos e práticas que sumariamente carregam em si, violências e silenciamento a outros indivíduos que não se enquadram nestes pressupostos. No entanto, observam-se indícios de crise desta masculinidade a partir de outros grupos que têm angariado espaço e protagonismo social, propondo outras narrativas e reivindicando equidade e direitos igualitários. Dessa forma, o homem cis, hétero e branco, que antes detinha o privilégio e o poder, passa a ter que dividir a centralidade e o lugar de fala, deslocando-se do seu altar de soberania. Assim, buscou-se compreender o que é ser homem hoje, quais são os pilares históricos e constitutivos que lhe deram legitimidade, e se existem novas masculinidades possíveis. Para isso, realizou-se um estudo qualitativo e transversal, com realização de oito entrevistas semiestruturadas com pessoas que se identificam com a identidade de gênero masculina, variando fatores como idade e orientação sexual. Identificou-se que, embora a grande maioria dos participantes relata viver ou já ter experienciado cerceamentos provenientes de uma masculinidade hegemônica, também é possível romper estes ciclos através do enfrentamento coletivo. A partir de alianças entre populações lidas como minorias, uma maioria se forma, capaz de pôr em xeque o discurso patriarcal e propor novos modos de existir da identidade de gênero masculina.

PALAVRAS-CHAVE: Homens. Identidade de gênero. Masculinidades.**ABSTRACT**

Discussing masculinities involves reflecting on power, virility and hegemony. Historically, these are some of the imperatives that, based on cisheteronormative logic, give rise to a masculinity that is considered ideal. This conceptualization has been proliferated through discourses and practices that summarily carry with them violence and silencing of other individuals who do not fit these

¹ Psicólogo, Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

² Psicóloga, Mestre em Psicologia, Mestre em Desenvolvimento Regional, Doutoranda em Promoção da Saúde no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e Docente do Departamento de Ciências da Saúde da UNISC.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



assumptions. However, there are signs of a crisis in this masculinity from other groups that have gained space and social prominence, proposing other narratives and demanding equality and equal rights. In this way, the cis, straight, white man, who previously held privilege and power, now has to share the centrality and place of speech, displacing himself from his altar of sovereignty. We therefore sought to understand what it is to be a man today, what the historical and constitutive pillars are that have given it legitimacy, and whether there are new possible masculinities. To this end, a qualitative, cross-sectional study was carried out, with eight semi-structured interviews with people who identify with the male gender identity, varying in factors such as age and sexual orientation. It was found that, although the vast majority of participants reported living or having already experienced restrictions stemming from a hegemonic masculinity, it is also possible to break these cycles through collective confrontation. Through alliances between populations perceived as minorities, a majority is formed, capable of challenging the patriarchal discourse and proposing new ways of existing in terms of male gender identity.

KEYWORDS: Men. Gender identity. Masculinities.

RESUMEN

Discutir las masculinidades implica reflexionar sobre el poder, la virilidad y la hegemonía. Históricamente, estos son algunos de los imperativos que, basados en la lógica cisheteronormativa, dan lugar a una masculinidad considerada ideal. Esta conceptualización se ha propagado a través de discursos y prácticas que conllevan, sumariamente, la violencia y el silenciamiento de quienes no se ajustan a estos supuestos. Sin embargo, existen indicios de una crisis en esta masculinidad proveniente de otros grupos que han ganado espacio y prominencia social, proponiendo otras narrativas y exigiendo igualdad y derechos. De esta manera, el hombre cis, heterosexual y blanco, que antes ostentaba privilegios y poder, ahora debe compartir la centralidad y el espacio de la palabra, desplazándose de su altar de soberanía. Por lo tanto, buscamos comprender qué es ser hombre hoy, cuáles son los pilares históricos y constitutivos que le han dado legitimidad, y si existen nuevas masculinidades posibles. Para ello, se realizó un estudio cualitativo transversal con ocho entrevistas semiestructuradas a personas que se identifican con la identidad de género masculina, con diferencias en factores como la edad y la orientación sexual. Se encontró que, si bien la gran mayoría de los participantes reportó vivir o haber experimentado restricciones derivadas de una masculinidad hegemónica, también es posible romper estos ciclos mediante la confrontación colectiva. Mediante alianzas entre poblaciones percibidas como minorías, se forma una mayoría capaz de desafiar el discurso patriarcal y proponer nuevas formas de existir en términos de la identidad de género masculina.

PALABRAS-CLAVE: Hombres. Identidad de género. Masculinidades.

INTRODUÇÃO

O homem, historicamente, tem sido representado a partir de uma perspectiva normativa, dominante e falocêntrica, onde “ter um falo significaria estar no centro do discurso, gerar significado, ter o domínio da linguagem, controlar e não conformar-se a aquilo que provém de fora, do outro” (Gallop, 2001, p. 280). O “outro” seria o desviante, aquilo que é errado, passível de rechaço, desprezo e dominação.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



À vista disso, a figura masculina passa a assumir uma concepção androcêntrica, despontando como o modelo possível e coletivo de comportamento, pensamento e experiência. A força do masculino se evidencia no fato de que dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la (Bourdieu, 1998). Sendo assim, perpetua-se um modelo hegemônico de dominação e submissão de corpos, principalmente os femininos, sendo esta lógica propagada e internalizada culturalmente.

Contudo, junto a isso, há uma emboscada: o mesmo homem que detém o privilégio e o poder, vive em constante estado de tensão, pois é sistematicamente convocado a provar sua virilidade, força, coragem e honra, tentando alçar um ideal de exigências que está fadado a se tornar, em mais de um caso, inacessível (Bourdieu, 1998). Nesse sentido, a partir do movimento feminista e dos crescentes estudos e discussões sobre sexualidade, gênero e interseccionalidades, a perspectiva androcêntrica tem sido colocada em cheque: as estruturas e condições que até outrora permitiam que o masculino mantivesse seus domínios passaram a se desmanchar, generalizações sobre o gênero, classe e raça não são mais aceitas, e a subordinação aos homens passou a ser resistida (Barbosa; Dias; Berlato, 2023).

Assim, compõem-se um desequilíbrio, um mal estar identitário denominado de “crise da masculinidade”. Este conflito separa-se em dois momentos: a tentativa de manter propriamente um modelo de identidade de gênero masculina hegemônica e, ao mesmo tempo, pluralista, baseado também em um profundo sentimento de vazio em relação a uma referência sólida e muitas vezes idealizada, e segundo, a percepção da impossibilidade de sustentar essa hierarquia, dada às contínuas transformações sociais que concerne aos papéis de gênero (Assis; Alves; Albuquerque, 2023).

Diante disso, justifica-se tomar como problema de pesquisa o questionamento: Como os homens têm lidado com a ascensão de pessoas que antes eram silenciadas? O objetivo geral foi analisar as construções das masculinidades e os modos pelos quais os homens se subjetivam. Também se tomou como objetivo específico compreender o que é ser homem hoje; e como percebem as novas masculinidades.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Com o propósito de compreender os processos que se entrecruzam na constituição das masculinidades, essa pesquisa ocorreu sob o prisma qualitativo, com um caráter descritivo e transversal. Os primeiros participantes foram selecionados a partir da rede de contatos prévios



do pesquisador e, posteriormente, por meio da técnica de amostragem em cadeia, conhecida como *Snowball*. Como critérios de inclusão, considerou-se: ser maior de dezoito anos e identificar-se com a identidade de gênero masculina. O critério de exclusão adotado foi a existência de transtorno mental prévio que pudesse interferir na participação ou no relato dos entrevistados.

A coleta de dados ocorreu a partir de entrevistas semiestruturadas, que tiveram a duração aproximada de 30 minutos, possibilitando aos participantes a livre elaboração de narrativas a partir de questões abertas. O roteiro de entrevista foi elaborado com base nos objetivos da pesquisa, contendo perguntas abertas organizadas em eixos temáticos. Esses eixos contemplaram: (a) a definição subjetiva do que é ser homem; (b) experiências de pressão social relacionadas à identidade masculina; (c) expectativas historicamente construídas acerca dos papéis atribuídos aos homens e a possibilidade de outras formas de masculinidade; e (d) a percepção dos participantes sobre os diferentes modos de ser homem observados na sociedade contemporânea. As entrevistas foram realizadas de forma presencial, gravadas, transcritas e posteriormente deletadas, para resguardo do sigilo.

O método de análise de dados foi a análise de conteúdo de Bardin, que propõem uma série de passos para que o pesquisador realize uma análise suficientemente crítica e científica. Assim, “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2016, p. 38).

Nesse sentido, as entrevistas foram analisadas em sua integralidade, seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Inicialmente, realizou-se a leitura flutuante do corpus, visando à familiarização com o material e à identificação de núcleos de sentido relevantes aos objetivos da pesquisa. Em seguida, procedeu-se à codificação das unidades de significado, organizando-as a partir de aproximações semânticas, a partir das quais emergiram, de forma indutiva, as categorias de análise. Por fim, as categorias foram interpretadas à luz do referencial teórico, possibilitando inferências que ultrapassam a descrição dos conteúdos e articulam empiria e teoria. Nesse momento, foram estabelecidos nomes fictícios para cada participante.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Por se tratar de pesquisa com seres humanos, foram seguidos todos os preceitos éticos estabelecidos na Resolução nº 466/12 e na Resolução n. 510/16. O projeto foi submetido



ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade proponente, e foi aprovado sob CAAE 81351924.4.0000.5343.

3. RESULTADOS

Foram entrevistadas 8 pessoas auto identificadas como do gênero masculino, sendo 6 homens cisgêneros, 1 homens trans, e 1 que se autodenomina como gênero fluído. Houve variação no quesito de orientação sexual, compondo a amostra 3 homens heterossexuais, 3 bissexuais e 2 homossexuais. A idade dos participantes variou entre 21 e 57 anos e todos residiam em municípios do interior do Rio Grande do Sul (RS). As características dos participantes podem ser verificadas no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos participantes do estudo

Nome fictício	Idade	Identidade de gênero	Orientação sexual
Augusto	31	Cisgênero	Heterossexual
Bruno	21	Cisgênero	Homossexual
Davi	28	Transgênero	Bissexual
Felipe	23	Cisgênero	Homossexual
Gabriel	25	Cisgênero	Heterossexual
Marcos	57	Cisgênero	Heterossexual
Miguel	27	Cisgênero	Bissexual
Rafael	25	Fluído	Bissexual

Fonte: criado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

O quadro 1 evidencia que, apesar de todos os entrevistados se auto identificarem com o gênero masculino, apresentam particularidades no que tange a identidade de gênero, evidenciando a compreensão da masculinidade para além da norma hegemônica da cisgeneridade. Além disso, as diferentes orientações sexuais denotam a diferença entre a sexualidade e o gênero, que muitas vezes são erroneamente apresentadas como sinônimos e dependentes devido ao desconhecimento e às práticas hegemônicas social e culturalmente estabelecidas.



4. DISCUSSÃO

Para pensar o que é ser homem nos moldes contemporâneos, é substancial visitar a historicidade das práticas e linhas discursivas que produziram (e continuam a produzir) os conceitos de masculinidade, que servem como uma espécie de anteparo para a legitimação das suas práticas e seu próprio existir no mundo. Conforme Connell e Messerschmidt (2013), a ideia de masculinidade hegemônica fornece algumas pistas dessa realidade.

Entendida como uma norma, mesmo que nem todos os homens possam aderir em si, a masculinidade hegemônica incorpora a forma mais “honrada” de ser um homem, exigindo que todos os outros homens se posicionem em relação a ela, legitimando ideologicamente a subordinação global das mulheres e dos grupos minoritários aos homens. Ainda, a partir da sustentação e uso da força, essa hegemonia visa ascender de modo persuasivo a todas as instituições e construções culturais, dispondo de ampla influência em todo o ordenamento social (Connell; Messerschmidt, 2013).

Pode-se ponderar que é a partir dessa concepção que a cultura do machismo e do patriarcado encontram suas bases de proliferação, nesse interjogo de dominação e poder. Foucault (1987, p. 119) ao referir-se aos diferentes tipos de poder, defende que o imperativo do poder disciplinar, que se constitui na fabricação de “corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”, é o cerne que constitui a masculinidade hegemônica.

Nesse sentido, torna-se fundamental compreender as percepções das pessoas que se auto identificam com o gênero masculino sobre o que é ser homem e acerca das novas masculinidades possíveis na atualidade. Nessa perspectiva, a partir da análise qualitativa das entrevistas, foram definidas quatro categorias de análise, sendo seus sentidos condensados e categorizados com o intuito de maior clareza de análise.

4.1. Categoria 1: O que é ser homem? Compreensões acerca da masculinidade

Supor encontrar uma só resposta ou definição que dê conta de explicitar o “ser homem” significaria apontar que o “ser” perpassa intrinsecamente a processos de identificação e posteriormente de identidade, sendo esta “um sintoma, uma defesa contra angústia de não poder saber sobre si, a não ser a partir da imagem, tomada em si mesma, como metáfora congelada em um único sentido, sem, no entanto, perder sua propriedade de ser mensagem” (Rosa, 1997, p. 122).



Freud, em sua obra intitulada “Psicologia das massas e análise do eu”, trata dos processos de identificação como a mais antiga manifestação de ligação afetiva a outra pessoa. Isso desemboca em um profundo processo inconsciente de identificação do filho com o pai, que é compreendido como modelo e inserido na cultura a partir dele, consumando o que se compreende enquanto Complexo de Édipo (Freud, 1921). A identidade se forja a partir destas identificações primárias com os cuidadores, sendo o pai objeto de afetos amorosos e hostis (devido à interdição que estabelece ao acesso à mãe). Nesse sentido, a entrevista de Bruno deixa claro que ser homem para ele, passa de antemão pelas ordens de identificação:

Eu acho que tem haver com a identificação em relação a imagem masculina, assim. Daí vem todo o resto, sabe? Dizem o que eu devia ser a partir daí, a partir dessa identificação [...] eu acho que isso antecede muita coisa, sabe? A identificação vem muito antes. E junto, vem toda vivência que parte daí... o sofrimento, às vezes o deslocamento... vem disso, de tudo que tu teoricamente teria que fazer para poder ser fiel a essa primeira identificação, a essa imagem entende? (Bruno, comunicação verbal, agosto de 2024).

A narrativa de Bruno evidencia a masculinidades como um processo socialmente produzido e subjetivamente vivido ao situar a identificação com a “imagem masculina”, como um ponto inaugural que antecede normas, expectativas e performances. Bruno sugere que a masculinidade não se constitui apenas como um conjunto de atributos aprendidos ou comportamentos reiterados, mas como uma experiência primeira de reconhecimento de si, que passa, posteriormente, a ser capturada por regimes normativos que definem o que significa “ser homem”. Esse movimento evidencia a distância entre a vivência subjetiva da masculinidade e os modelos hegemônicos que a sociedade projeta sobre os corpos, reforçando a ideia de que as masculinidades não são homogêneas, mas atravessadas por hierarquias que iniciam no contexto familiar, prescrições e disputas simbólicas.

Nesse sentido, Rosa (1997) traz que o outro, serviria como uma espécie de modelo, um ideal pronto que encarnaria as características de perfeição que faltam na criança (potência, liberdade). Essa figura de identificação com o outro opera como uma espécie de objeto indispensável de completude, sendo ela que permanece na instância do desejo, alimentando-o também narcisicamente. Freud (1976) afirma que, de todas as imagens, nenhuma é mais importante para o homem do que a do pai. Portanto, o pai desempenha esse lugar poderoso e simbólico, trazendo em sua própria identidade outras identificações, discursos e modelos, que, tratando-se do que é lido como masculino, carrega em si suas contradições. Esse fato é explicitado por Bruno:



O problema é que se tu não performar algo que se espera da imagem masculina, eles vão até tentar te patologizar, dizer que tu é doente. E não percebem que o tiro na culatra é justamente essa pressão pra ser, que te enlouquece, né? Assim, de não ter essa pluralidade do ser homem. É sempre geralmente, aquela coisa heteronormativa, né? (Bruno, comunicação verbal, agosto de 2024).

Além do processo de identificação, a fala de Bruno evidencia a normatividade de comportamentos, atitudes e sentimentos atrelados ao ser homem. A partir daí, entram em cena aspectos que denunciam que ser homem geralmente está atrelado a ser heterossexual, a uma masculinidade hegemônica, cisgênera e intolerante a tudo que não se refere a si mesma. No entanto, esta mesma masculinidade sofre de contradições, visto que os papéis sociais, políticos e culturais desempenhados pelos indivíduos estão em contínuo processo de reconstrução, incluindo-se nesse contexto, relevantes reflexões a respeito do papel masculino na contemporaneidade (Silva; Macedo, 2012). Junto a isso, a imagem masculina têm em si um constructo, ou linhas discursivas que produzem uma determinada performatividade, o que atesta o participante Rafael:

Para mim, ser homem é uma construção social que normalmente traz prejuízo para quem é, no caso. Independente se é homem cis ou não [...] acaba que têm os mesmos prejuízos, que seria a masculinidade tóxica. Muitos homens são ensinados desde pequenos que não podem chorar, que não podem pintar unha e tudo mais. São mais rudes, mais brutos e normalmente isso acaba meio que sendo contra a vontade deles. Por que no fim, eles só querem ser aceitos pela sociedade se afastando de tudo que é lido como feminino. Essa própria construção da masculinidade normativa, carrega já uma misoginia, uma violência, não só contra as mulheres ou mulheres cis, mas contra qualquer pessoa que não sejam eles mesmos (Rafael, comunicação verbal, agosto de 2024).

A narrativa de Rafael destaca os efeitos disciplinadores e potencialmente violentos da masculinidade, tanto para quem a incorpora quanto para aqueles que dela divergem. Assim, Rafael desloca a masculinidade do campo da naturalização para o da produção histórica e cultural, evidenciando que seus imperativos, como a negação da vulnerabilidade, a repressão emocional e a rejeição de práticas associadas ao feminino, operam como mecanismos de controle subjetivo. Esses aprendizados precoces, transmitidos desde a infância, revelam que a masculinidade normativa exige uma constante vigilância sobre o corpo, os afetos e as expressões de si, frequentemente em desacordo com os desejos e necessidades individuais, produzindo sofrimento e alienação.

Além disso, Rafael explicita que a busca por aceitação social se dá, muitas vezes, por meio do afastamento ativo de tudo aquilo que é socialmente lido como feminino, o que revela



o caráter relacional e hierárquico da masculinidade hegemônica (Gazalé, 2019). Nessa lógica, a masculinidade se sustenta não apenas pela afirmação de determinados atributos, mas pela negação e desvalorização do feminino, configurando-se como um regime que carrega, em sua base, elementos de misoginia e violência simbólica que produz exclusões múltiplas, inclusive entre homens cis e trans que não se conformam a seus padrões. Assim, a fala de Rafael demonstra que estes prejuízos não são efeitos colaterais, mas componentes estruturais de um modelo de gênero que hierarquiza, silencia e legitima práticas de dominação, exigindo ser tensionado e reconfigurado a partir de perspectivas mais plurais e menos violentas (Bresque, 2021).

Nesse sentido, Gazalé (2019) faz uma provocação ao afirmar que a virilidade não é a masculinidade, mas sim um ideal imposto aos homens desde muito cedo para uniformizar a masculinidade em uma coisa só. Conforme a autora, a virilidade é construída e bastante frágil, visto que necessita reafirmar-se a todo momento. No entanto, há homens quem não se sentem atravessados necessariamente por imperativos de virilidade, como é o exemplo abaixo:

Para mim, ser homem é mais uma questão estética assim... do que um sentir-se homem, sabe? Tanto que esses lugares do masculino que eu sinto que meio que são cobrados de performance, eu não me sinto assim performando. [...] Então a minha percepção de ser homem sempre foi uma coisa mais estética assim, eu curto ter barba, eu curto vestir de determinado jeito, não que seja determinante para ser um homem, né? Então pra mim é mais uma ideia cultural do que de fato um sentir-se homem (Davi, comunicação verbal, agosto de 2024).

A narrativa de Davi desloca o “ser homem” do campo da interioridade fixa ou de um sentimento identitário unívoco para o plano das construções culturais, estéticas e simbólicas. Ao afirmar que sua percepção de masculinidade se organiza mais em torno de elementos estéticos do que de um “sentir-se homem”, evidencia que a masculinidade pode ser vivida como um repertório de signos culturalmente compartilhados, apropriados de maneira seletiva e não totalizante. Essa leitura desafia modelos normativos que associam a masculinidade a performances obrigatórias, sugerindo que a adesão a certos marcadores visuais não implica, necessariamente, a incorporação de expectativas comportamentais ou afetivas tradicionalmente atribuídas ao masculino.

Ao mesmo tempo, Davi explicita um distanciamento em relação às exigências performativas que frequentemente acompanham a masculinidade hegemônica, indicando que não se reconhece na concepção de masculinidade hegemônica. Essa recusa parcial revela a



possibilidade de habitar a masculinidade de forma descentrada e negociada, ou seja, o sujeito se apropria de aspectos culturais do masculino sem se submeter integralmente aos seus imperativos normativos. Evidencia-se assim a pluralização das masculinidades, ou seja, o “ser homem” pode operar como uma construção flexível, na qual o sentido identitário não está necessariamente ancorado em uma interioridade estável, mas em escolhas, estilos e posicionamentos que desafiam a ideia de uma masculinidade única, coerente e universal.

Nesse sentido, Miller (2011) traz à tona o conceito de semblante, que consiste em crer que há algo, onde na verdade não há. Nesse sentido, a virilidade, imposta pela masculinidade hegemônica, não passa de um amontoado de semblantes e simulacros utilizados para tamponar o vazio, o medo e a insegurança a partir de postulações irreais e cerceamento do outro. No entanto, chama atenção a naturalização e ao mesmo tempo, a atração a uma estética lida como heterossexual no imaginário masculino, permitindo ecoar o que a colunista Cila Santos (2021) traz ao afirmar que toda e qualquer pessoa nascida sob o patriarcado, é heterossexualizada, sendo os apreços e visões de si também atravessados por esse ordenamento.

4.2. Categoria 2: Concepções sociais do masculino: comportamentos e atitudes esperadas

Discutir as concepções do masculino só é possível a partir da compreensão dos atravessamentos da masculinidade hegemônica, dado que o discurso em termos foucaultianos, produz a realidade social. Sendo muito mais que atos de fala, escrita ou sentidos linguísticos, torna-se uma produção coletiva e histórica. Assim, se é possível afirmar uma determinada hegemonia, foi por que em determinado espaço e tempo, o discurso a produziu e legitimou. A construção da ideia de um gênero masculino ‘universal’ construiu-se em comunhão com as concepções do patriarcado e do falocentrismo, produzindo sentidos que, via de regra, privilegiam práxis heteronormativas (Passos, 2019).

Nigro et al. (2020) afirma que em uma sociedade regida por valores patriarcais, esperar que a cultura e a compreensão da realidade ultrapassem os valores do falocentrismo pode ser utópico. Conforme os autores, o ordenamento masculino se estrutura e se diferencia a partir de reduções biológicas socialmente instituídas, demarcando as liberdades, prazeres e comportamentos que cada corpo irá dispor. A partir disso, o masculino detém particularidades socialmente esperadas, o que pode ser evidenciado no fragmento abaixo:



Eu comecei a odiar meus seios, por que isso não é coisa de homem, homem não tem seios. Também há uma pressão para usar o banheiro masculino, sendo que o banheiro masculino não é adaptado para as pessoas que têm vagina [...]. Eu já frequentei, porque eu sentia que eu precisava entrar no banheiro desses para me sentir homem. Também me senti pressionado sobre o jeito de falar, o jeito de me mexer, a maneira como danço (Rafael, comunicação verbal, agosto de 2024).

Rafael afirma sentir pressões para demonstrar determinados atributos estéticos e comportamentais para ser visto como homem. Nessa perspectiva, o gênero é uma construção que se dá ao longo do tempo, instituído em um espaço externo ao sujeito, mas internalizado por ele, por meio da repetição estilizada de atos, falas e gestos, fomentando uma aparência, uma prática performativa que captura os próprios atores que a reproduzem. Partindo disso, Butler (2018, p. 08) refere que, por muitas vezes, o gênero acaba sendo condicionado às normas binárias, sendo a reprodução de gênero também uma negociação de poder. O participante Marcos explicita, a partir de suas vivências, o que foi instruído a reproduzir por ser homem:

[...] o homem tem que ser assim, tem que mijar de pé, não pode mijar sentado. Também é muito sobre o que você tem financeiramente [...] O homem é medido pelo poder, o dinheiro e o sexo. [...] Eu sofri bullying por estar com a mesma mulher a anos e ser fiel a ela. A gente cresce ouvindo que o que passar na frente tem que derrubar, certo? Não pode deixar passar... mas onde é que está escrito isso, cara? Se eu tenho vontade, se eu tenho prazer ou não, não interessa. Eu tenho é que derrubar (Marcos, comunicação verbal, agosto de 2024).

Marcos apresenta uma leitura da masculinidade a partir da virilidade. Assim, é necessário retomar que, dentro das reproduções de gênero heteronormativas, a virilidade sempre surge como um medidor de validação e legitimidade. Contudo, “a virilidade é apenas uma posição precária encontrada pelo sujeito para (não) se haver com a castração e com aquilo do gozo que não se deixa cifrar inteiramente pela norma fálica” (Lima, 2022, p. 155). Assim, a performatividade viril do homem na sociedade serve como preservação de um ideal de masculinidade não castrada, ou seja, uma ilusão de detenção de um significante fálico, de poder (Pinheiro, 2023).

Dessa forma, ao se agarrar na fantasia de alçar uma potência irrestrita, determinados comportamentos e imperativos se constituem, como a heterossexualidade compulsória. A heterossexualidade é concebida como natural e universal, sendo estimulada desde a mais tenra infância, logo, é esperado que o outro escolha como parceiro sexual alguém do sexo Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



oposto para obter legitimidade social e ser considerado “de verdade” (Louro, 2000). Esse fato é ressaltado pelo participante Augusto: “e quando é que vai vir a namoradinha?” Era uma pressão de aparecer sempre com uma mulher, jamais com homem. Imagina. Seria um escândalo” (Augusto, comunicação verbal, agosto de 2024).

A narrativa de Augusto clarifica como são produzidas as regras de produção de verdade (Foucault, 2004), que propõe procedimentos para atingir um determinado resultado, ou seja, ser heterossexual, ter múltiplas parcerias e reproduzir imperativos viris, que seriam, em última instância, “de verdade”. Destarte, cabe um retorno ao complexo de Édipo freudiano que, conforme Laplanche e Pontalis (1992, p. 77), é um conjunto “de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é o personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto”. No entanto, a criança é interceptada pelo seu rival mais forte (o pai), que é capaz de castrá-la, emergindo assim o papel da castração (falta) na realidade psíquica.

Segundo Miguel e Braga (2021), o medo da castração é permanentemente renovado por toda a vida, tipificando um absoluto terror inconsciente que dá lugar a maioria das manifestações neuróticas, fobias, medos e sintomas que surgem nas instâncias conscientes. Em outras palavras, é a partir do medo de castração e da interdição à mãe, que o homem é capaz de desejar outros objetos no mundo. No entanto, há aqueles que a simbolizam de maneira tão devastadora que, como forma de contenção, se utilizam de preceitos viris na tentativa de subjugar-las, o que é, como dito anteriormente, impossível. Assim, a verdade viril está também intrinsecamente ligada ao medo da castração.

4.3. Categoria 3: O patriarcado à espreita: estereótipos de gênero

O termo “masculinidade tóxica” passou a ser utilizado a partir de 2015 para nomear, de modo crítico, um conjunto de comportamentos frente a uma suposta crença de superioridade masculina (Mesquita; Corrêa, 2021). Em contraponto, Cronemberger (2019) traz que as lutas feministas entram em embate direto às tentativas de docilização do corpo feminino, pois buscam trazer luz às estruturas que mantêm o status dominante do masculino, seja por meio de sua desestabilização, seja denunciando suas contradições e falhas discursivas.

Nesse contexto, a reação feminista ganhou força a partir do movimento sufragista e suas subseqüentes ondas, o que fez com que o modelo tradicional de masculinidade universal, hegemônico e opressor, passasse a não se sustentar como até outrora se mantinha. Estas são



as significativas mudanças no campo do trabalho, nas relações afetivas, sociais e sexuais ressignificadas pelo feminismo (Silva, 2006). Levando isso em conta, uma potencial crise passa a ser sentida, principalmente pelo homem cisgênero.

O movimento feminista, ao questionar os padrões de masculinidade, inicia um processo de emancipação da mulher, fazendo-a dona de seus próprios desejos, vontades e, principalmente, de si mesma. Na medida em que o controle masculino se fragmenta, a crise vivenciada pelos homens diz respeito principalmente a identidade, pois torna-se inevitável um rearranjo dos padrões do masculino, colocando à prova a figura do macho, que por muito tempo foi naturalizada como a única possível (Oliveira; Souza, 2022).

Essa figura de macho e provedor é questionada pela narrativa de Davi: “Na minha família, por exemplo, quem proveu a maior parte foi a minha mãe, porque ela teve uma formação, meu pai não tinha formação, é agricultor, então já teve esse outro lado de não ser o provedor da família” (Davi, 2024). A narrativa de Davi evidencia que o papel que historicamente foi atrelado ao masculino, também pode e é exercido pelo gênero feminino.

Nesse sentido, Rita Von Ruth (2023), em uma palestra ao Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região do RS, problematiza a masculinidade tóxica ao levantar que nem todo corpo identificado como masculino tem acesso aos preceitos que dão reconhecimento e aceitabilidade ao ser homem. A professora questiona: “Como se faz para ser homem sendo soldado, quando alguém está acima de você? Como se faz para ser homem sendo cristão, se é necessário dar a outra face ao tapa? Como se faz para ser homem sendo pobre, se o homem é provedor?”

Ainda, outro ponto levantado por Von Ruth (2023), refere-se ao empobrecimento de exemplos afetivos que os meninos têm desde muito pequenos, visto que demonstrar carinho e promover diálogo seriam demonstrações de fraqueza, ou seja, coisa que não é de homem. Em contrapartida, muitos casos denotam possibilidades de mudança de paradigma, o que fica evidente no fragmento narrativo abaixo:

Meu pai pra mim é um exemplo de homem [...] Ele escreve poema, ele desenha, ele é um baita de um artista, sabe? Ele é muito sensível também. Ele teve uma adolescência em que ele era violento, era aquele que pegava todo mundo... ele performou muito isso. Só que, não sei em que momento ele começou a mudar, sabe? ou começou, tipo, a baixar as defesas e ver que, tá, ele conseguia fazer coisas boas sendo sensível, sabe? Hoje em dia é um homem fora da curva, então pra mim, é possível mudar sim (Bruno, comunicação verbal, agosto de 2024).



Ao narrar a trajetória do pai, Bruno descreve uma passagem entre diferentes formas de performar a masculinidade: de uma adolescência marcada pela violência, pela hipersexualização e pela afirmação de virilidade (atributos socialmente associados à masculinidade hegemônica), para uma vivência que incorpora a sensibilidade, a expressão artística e o cuidado de si. Com isso, o discurso de Bruno reforça que é possível alguma alternância e novos modos de ressignificar os papéis masculinos.

Entretanto, é necessária certa ponderação, visto que também existem resistências masculinistas forjadas a partir da misoginia e da LGBTQIA+fobia, como os grupos autodenominados “Incels, Red Pill, Mgtow, Alfa e Beta”. Essas pessoas se reúnem principalmente em fóruns e comunidades online cujos temas discutidos são relacionados a uma masculinidade exacerbada, virilidade, sexismo e misoginia, uma vez que consideram que as grandes culpadas de todos os seus infortúnios são as mulheres que os manipulam, oprimem e descartam a todo momento (Santos; Santos, 2022).

As subjetividades são produzidas historicamente através do binarismo que aprisiona os corpos e identidades, divisões que geralmente se resumem em menino ou menina. Tal modo de pensar acaba provendo uma naturalização da sexualidade, inviabilizando outras formas de desejar, denunciando o caráter sexista, desigual e falocêntrico destas práticas. Este arranjo naturaliza modos de violência de pessoas LGBTQIA+, mulheres e negros, visto que criam fronteiras que validam a heterossexualidade em detrimento da homossexualidade, a masculinidade acima da feminilidade, e o comportamento cisgênero branco como modelo social e reprodução da ordem (Andrêo et al., 2016).

Por esse ângulo, o participante Gabriel toma o papel desempenhado pelo pai como exemplo e apresenta uma crítica à desvalorização da virilidade e do papel masculino de provedor, evidenciando o desconforto com uma ideia de não-lugar e perda de simbolização:

Como é que eu vou chegar e dizer: pai, nada que tu aprendeu sobre ser homem é válido, então não importa que tu foi provedor, não importa tudo que tu achou que era legal, teu esforço não valeu de nada, então assim, parece todas as lutas dele a gente tá invalidando. Acho que é importante a gente não ir ao extremo, nem tanto ao céu, nem tanto no inferno (Gabriel, comunicação verbal, agosto de 2024).

Gabriel denota uma necessidade de validação do papel masculino desempenhado por seu pai e nesse sentido, Gomes (2009) traz o psicanalista francês Jacques Lacan para a discussão para demonstrar que, se tratando da ordem do discurso, da realidade social da

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



comunicação, há a possibilidade de mudanças determinantes da cadeia significativa, ou seja, do significado e do significante substitutivo. Alterar os significantes (representação, conceito) problemáticos provenientes da heteronormatividade é fundamental, mas talvez, lento, dado ao movimento de defesa de sua “Integridade”. À vista disso, o entrevistado Miguel se questiona frente às perspectivas de alteridade em relação ao ser homem com determinada ambivalência

Eu acho que não tem nada errado em ser o homem, sabe? Só que existe muita toxicidade na visão de homem que a gente tem. Talvez poderia ter um outro homem, sabe? Homem 2.0. A gente não tem certeza do quanto da masculinidade é natural e do quanto da masculinidade é produzida, sabe? Então, o máximo que a gente pode fazer é cada vez ser menos tóxico, passar isso para os nossos filhos e esperar que talvez venha um homem 2.0. Por enquanto, não tem (Miguel, comunicação verbal, agosto de 2024).

Miguel evidencia o desejo de mudança cultural, do paradigma da masculinidade e de um processo evolutivo, que contaria com homens mais livres e donos de si. Fato é que, enquanto há vida, há possibilidades. Pensando na multiplicidade de linhas discursivas que constroem o que se chama de realidade, é cabível pensar que a epistemologia que fundamenta a dita masculinidade hegemônica pode ser revista e alterada, viabilizando novos significados e formas de estar no mundo.

4.4. Categoria 4: Para além da masculinidade hegemônica: novas formas de ser homem?

Conceber novas masculinidades possíveis perpassa por um revisionismo histórico de um gênero historicamente dominante e opressor. Nesse contexto, a Psicologia Política e os movimentos sociais tiveram a oportunidade de se organizarem e constatarem a real ameaça daqueles que detêm algum tipo de poder (Oliveira; Souza, 2022).

Desse modo, é importante voltar ao conceito de interseccionalidade, que reflete, a partir de uma abordagem integrada, os modos complexos das construções sociais e diferentes sistemas de opressão (Biandaro, 2022). Cabe agora pensar em novas alternativas, novos modos de masculinidade aliadas, não opressoras. O colapso heteronormativo surge da impossibilidade da permanência do binarismo homem/mulher, exigindo novas articulações. No âmbito dessas rearticulações, ressalta-se que a política das multidões queer” que questiona a identidade masculina, colocando-a em estado de crise e de revisão de papéis e estereótipos social e culturalmente construídos e impostos (Mattia, 2020).



Após elencadas essas discussões, torna-se evidente que a masculinidade tóxica, hegemônica e cisheteronormativa são frutos de performatividades que se reatualizam através das décadas, o que não a exime em sua obrigatoriedade de repensar-se em suas práticas e discursos. Pensando em novas masculinidades entrelaçadas a outras performatividades possíveis, a indagação queer parte da negação à naturalização do gênero, já que um dos seus principais pressupostos tem origem nos estudos culturais, não antropológicos, sendo possível que as conceituações de desconstrução ganhem força dentro do movimento, pois visa-se descobrir as razões pelas quais as pessoas tornam-se quem são (Haddad; Haddad, 2017) . Isto se evidencia no fragmento abaixo:

A nossa geração está tendo a oportunidade de ver coisas que outras gerações não viram muito... principalmente pela internet e pelas conexões e pelas pessoas trans também.[...]. Porque na minha infância e na minha adolescência e no início da vida adulta, eu me sentia reprimido demais e acho que carrego muito dessa repressão comigo para várias coisas. E ver que eles já não tem mais essa questão sabe, é muito massa. Eu acho que essas são as masculinidades possíveis de ver que a masculinidade não é essa coisa engessada. Dá pra ter autocuidado por exemplo, pode lavar o rosto, pode tomar banho e tirar a cera do ouvido (Davi, comunicação verbal, agosto de 2024).

Davi aponta para a repressão que vivenciou na juventude, o que remete à crítica feminista tradicional das "masculinidades hegemônicas" que obrigam os homens a se conformarem a certos comportamentos e atitudes entendidos como masculinos, e a refutar tudo que pode ser lido como feminino. Essa experiência repercutiu psicologicamente no participante de forma negativa, produzindo repressão e sofrimento psíquico. Ao mesmo tempo, Davi aponta um movimento de resignificação da masculinidade ao relatar as mudanças que hoje permitem que os homens se engajem em práticas historicamente lidas como femininas, como o autocuidado.

Isso evidencia que, ter a coragem de ser quem se é, em alicerces ainda majoritariamente patriarcais, demonstra que em alguns novos e potentes discursos, a docilização e coerção não são mais toleradas. O que é possível vislumbrar são novas formas de resistência. Butler (2020, p. 51) sugere a construção de políticas de aliança que incluam todas as pessoas em situação de precariedade social e econômica, pois "uma política de alianças se baseia em, e requer, uma ética de coabitação" , tornando possível a circulação livre nos espaços públicos, a proteção frente ao assédio e a resistência às diversas formas de



violência moral, física e política. Ampliando o ângulo de discussão, o participante Felipe cita questões mais amplas, perpassando tensionamentos raciais e de classe econômica sob uma perspectiva interseccional:

Os tipos de homem são tão diversos, sabe? Porque tem o homem negro, tem o homem branco, aí tem o homem da classe social mais alta, mais baixa, e... Enfim, o gay, o LGBT, o hétero padrão, e aí também tem o hétero que não é aquele macho, que é o hétero meio feminino, que é tipo o Fiuk, aí tem o hétero mais machão, enfim, o gay. E são esses diversos tipos, né? E cada um sofre com os efeitos dessa masculinidade que tem esse padrão, que supostamente a gente deveria cumprir. No fim, acho que a masculinidade, ela pode vir a ser tóxica pra todo mundo, não pro grupo só, né (Felipe, comunicação verbal, agosto de 2024).

Aqui, o participante se refere à caracterizações do ser homem na contramão do discurso dominante, que vislumbra um homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão (Louro, 2000). Pensar que existem espectros difusos e contra hegemônicos marcados por alteridades de classe, cor e orientação sexual, dá luz a formas diversas de exercer outras masculinidades e novas vivências.

Nesse diapasão, para falar de um “novo homem” é necessário referir a existência do “velho homem”, este que vem sendo denunciado por suas práticas violentas e machistas pelos movimentos feministas e Queer. O discurso do novo passa pela estratificação do velho, e só assim é cabível pensar em um novo homem na história (Voks, 2021). Ainda, Passos (2019, p. 2) refere que os discursos são também “uma produção coletiva e histórica, portanto anônima, que na maior parte do tempo trabalha em silêncio”, dando sentido ao que se diz e se faz. Portanto, o que cabe é desconstruir a ideia de um homem universal, hegemônico, violento e historicamente legitimado pelas instituições culturais e familiares que sempre os produziram, e dar vez e voz para novas masculinidades possíveis.

5. CONSIDERAÇÕES

Os conceitos e práxis androcêntricas e hegemônicos de masculinidade ainda provam-se vigentes no meio social, tornando evidente que o “ser homem” no imaginário e discurso



comum, é atravessado por noções pautadas na virilidade. O estudo demonstrou uma gama de sofrimento e cerceamento que estas noções intrinsecamente produzem, visto que transpõem todas as identidades de gênero e orientações sexuais, caracterizando-se como uma prisão interna, um lugar inóspito. A maioria dos participantes relatou em sua experiência prejuízos subjetivos ao se identificarem com o que se lê como gênero masculino, mesmo aqueles auto identificados como cisgêneros.

No entanto, também foi possível observar que, a partir de discussões queer, feministas e da própria crise da masculinidade hegemônica, questionada em seus pressupostos justamente por esses movimentos, algo novo tenciona surgir. Pensar em novas masculinidades requer alianças inabaláveis de movimentos e coletivos que, esgotados de toda opressão sistemática vivenciada cotidianamente, torna-se capaz de produzir através do enfrentamento ao status quo, estabelecendo novos pensares, perspectivas e formas de ser e existir como homem. Compreender as discursividades que legitimaram ser homem através da heteronormatividade, virilidade, violência e branquitude, torna-se importante para que, através de seus furos e contradições, se possa enfrentá-las e experienciar outras formas de ser, com menos medo e escudos, e maior afetividade.

Salienta-se como limitação do estudo o número reduzido de participantes, o que impede a generalização dos resultados, mas dá luz a como homens com diferentes características têm vivenciado as masculinidades. Por fim, cabe identificar e reconhecer a proeminência patriarcal arraigada nos inconscientes, instituições e epistemologias, o que requer um trabalho atento e constante. Descolonizar saberes é entender que, assim como algo é naturalizado através do tempo, também pode ser desmantelado, repensado e outra normalidade ser estabelecida. Afinal, o cuidado com a saúde mental é fundamental, e isso só é possível em um mundo que aceita a todos em suas particularidades. Finalmente, identifica-se oportuno concluir com um trecho da música “Masculinidade” de Tiago Iorc:

[Trecho da música “Masculinidade” de Tiago Iorc (2021) não reproduzido por restrições de direitos autorais. Consulte a referência completa na lista bibliográfica.]

REFERÊNCIAS

ASSIS CARDOSO, F.; ALVES AMORIM, M.; ALBUQUERQUE SULZ, J. “Crise da masculinidade”: retóricas da ofensiva antigênero e o antifeminismo de Estado. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 32, n. 72, p. 97–115, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2023.v32.n72.p97-115>.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2016.

BARBOSA, A. D. S.; ROMANI-DIAS, M.; BERLATO, H. Masculinidades hegemônicas como contrarresistência no contexto universitário. Cadernos EBAPE.BR, v. 21, n. 4, e2022-0102, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/WymSM44jkPzC3Gj7ccfqHcg/>. Acesso em: 28 jan. 2026.

BIANDARO, S. P. Feminismo e governança: estratégias de poder contra as mulheres a partir de Michel Foucault. Revista de Gênero, Sexualidade e Direito, v. 8, n. 2, p. 74–95, 2022. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/download/9357/pdf>. Acesso em: 12 mar. 2025.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 11. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRESQUE, G. Uma nova perspectiva da virilidade a partir do esporte brasileiro. Perspectivas Sociais em Interações Subjetivas, v. 7, n. 1, p. 49–61, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/perspectivas/article/view/5422>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, Judith. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. Revista de Antropología Iberoamericana, v. 4, n. 3, p. 321–336, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/623/62312914003.pdf>. Acesso em: 22 set. 2025.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

CRONEMBERGER, L. Meu corpo, minhas regras! Michel Foucault, corpo da mulher e feminismo. Revista Praça, v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/243350>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 25. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In: FREUD, S. Totem e tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 283–289.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920–1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



GALLOP, Jane. Além do falo. Cadernos Pagu, Campinas, n. 16, p. 267–287, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/6hhjhtdQw8ZMfmNDCdBKrQJ/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

GAZALÉ, Olivia. Futuro do feminismo está na reinvenção da masculinidade. Folha de S. Paulo, 10 mar. 2019. Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/folha-de-s-paulo/20190310/282806422623707>. Acesso em: 29 jul. 2025.

GOMES, A. Linguagem e discurso na psicanálise de Jacques Lacan. Revista Iluminart, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/index.php/iluminart/article/view/20>. Acesso em: 12 dez. 2024.

HADDAD, M.; HADDAD, R. Judith Butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. In: Anais do V Enlaçando. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30620>. Acesso em: 02 jan. 2025.

IORC, T. Masculinidade. Rio de Janeiro: Universal Music Group, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V5GUxCQ8rl4>. Acesso em: 10 ago. 2025.

LAPLANCHE, Jean. Vocabulário da psicanálise. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, V. Homens em análise: destinos do falo e travessias da virilidade na psicanálise lacaniana. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45646>. Acesso em: 27 jul. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2025.

MATTIA, B. Amor, masculinidades e resistência: uma leitura queer. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 61, e615, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-4018615>.

MESQUITA, Y.; CORREA, H. A “masculinidade tóxica” em questão: uma perspectiva psicanalítica. Revista Subjetividades, v. 21, n. 1, p. 1–13, 2021. DOI: 10.5020/23590777.rs.v21i1.e10936.

MIGUEL, J.; BRAGA, H. Édipo e castração: aspectos atinentes à constituição do sujeito. Revista de Psicologia, v. 15, n. 57, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/online.v15i57.3239>

MILLER, J.-A. De la naturaleza de los semblantes. Buenos Aires: Paidós, 2011.

NIGRO, C.; BENFATTI, F.; SANTOS, M.; SOUZA, D.; SOARES, L. A masculinidade hegemônica e a (im)posição dos corpos: resquícios da virilidade patriarcal na história e na literatura. Polifonia, v. 27, n. 46, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11163>. Acesso em: 12 fev. 2026.



OLIVEIRA, I.; SOUZA, D. Psicologia e políticas sociais: conservadorismo em tempos de capital-barbárie. São Paulo: ABRAPSO, 2022. Disponível em: <https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Livro-Psicologia-e-Politicas-Sociais-1.pdf> Acesso em: 30 mai. 2025.

PASSOS, I. C. F. A análise foucaultiana do discurso e sua utilização em pesquisa etnográfica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, e35425, 2009. DOI:<https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>.

PINHEIRO, J. H. A virilidade e a vigorexia: uma reflexão psicanalítica. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, v. 11, n. 2, p. 4–15, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/37059>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ROSA, M. A psicanálise frente à questão da identidade. In: *Anais da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO)*. Belo Horizonte, 1997. Disponível em: <https://psicanalisespolitica.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/a-psicanc3a1lise-frente-c3a0-questc3a3o-da-identidade.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SANTOS, A.; SANTOS, M. Incels e misoginia on-line em tempos de cultura digital. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 22, n. 3, 2022. DOI:<https://doi.org/10.12957/epp.2022.69802>.

SANTOS, C. O que é heterossexualidade compulsória? *QG Feminista*, 2021. Disponível em: <https://qgfeminista.org/o-que-e-heterossexualidade-compulsoria/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SILVA, F.; MACEDO, M. A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 2, p. 205–218, 2012. DOI:<https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000200009>.

SILVA, S. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118–131, 2006. DOI:<https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>.

VON HOUT, R. Quando abordamos a masculinidade tóxica não estamos falando sobre você, mas sobre como você foi ensinado a ser homem. *Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região*, 2023. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/576882>. Acesso em: 22 abr. 2025.

VOKS, D. J. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 37, e21204, 2021. DOI:<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21204a>.